



Mercado de trabalho formal da economia criativa no Rio Grande do Sul

Gabriele dos Anjos*

André Coutinho Augustin**

Um dos programas estratégicos do Governo gaúcho é o RS Criativo. Operado pela Secretaria da Cultura (Sedac), busca promover o desenvolvimento e o fortalecimento da economia criativa do Rio Grande do Sul e contempla os princípios de criatividade, diversidade cultural, sustentabilidade e inclusão social para a promoção e o fomento dos setores e territórios criativos, gerando, assim, emprego e renda. Além disso, é uma iniciativa intersetorial, que articula ações com as demais secretarias estaduais (Rio Grande do Sul, s.d.).

Desde 2019, o Departamento de Economia e Estatística da Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão do Estado do Rio Grande do Sul (DEE-SPGG) contribui com o RS Criativo através de diferentes estudos, dentre os quais se destaca a Nota Técnica n. 9, intitulada **O mercado de trabalho da economia criativa no Rio Grande do Sul — 2006-17** (Augustin *et al.*, 2019), que trata do mercado de trabalho formal, utilizando dados do Cadastro Central de Empresas (Cempre), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). Foram considerados como parte da economia criativa setores e ocupações definidos pelo Sistema de Informações e Indicadores Culturais 2007-2010 do IBGE (2013), incluindo atividades ligadas à cultura tanto direta como indiretamente.

Para manter a comparabilidade, o presente estudo utiliza a mesma metodologia do anterior¹, atualizando os dados até 2021, último ano com informações disponíveis no Cempre e na RAIS. Para facilitar a leitura, optou-se por um texto mais enxuto, apresentando diretamente os dados. A lista de atividades e ocupações utilizadas, assim como outras questões metodológicas, pode ser consultada na Nota Técnica n. 9, mencionada anteriormente.

É importante ressaltar que as duas bases usadas incluem apenas o emprego formal. Não serão analisados, portanto, nem os trabalhadores informais nem aquelas relações que, embora apresentem alguma formalidade, não caracterizam vínculo empregatício, como os microempreendedores individuais (MEIs)². Considerando que o mercado de trabalho brasileiro possui altas taxas de informalidade e que,

* Analista Pesquisadora em Sociologia no Departamento de Economia e Estatística da Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão (DEE-SPGG).

E-mail: gabriele-anjos@spgg.rs.gov.br

** Analista Pesquisador em Economia no Departamento de Economia e Estatística da Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão (DEE-SPGG).

E-mail: andre-augustin@spgg.rs.gov.br

¹ Em dezembro de 2023, quando o atual estudo já estava em andamento, o IBGE publicou uma nova edição do Sistema de Informações e Indicadores Culturais, com pequenas alterações metodológicas em relação à edição anterior. A principal mudança foi a retirada de duas das 74 classes da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE) antes presentes ((a) comércio varejista de artigos usados e (b) atividades técnicas relacionadas à arquitetura e engenharia).

² A Receita Federal disponibiliza informações relativas aos microempreendedores individuais. Até março de 2024, estavam cadastrados 952.249 MEIs no Rio Grande do Sul, sendo 91.122 (ou 9,6% do total de MEIs) pertencentes ao setor de economia criativa. O segmento de publicidade contribui com o maior contingente de MEIs do setor, sendo 45,6% do total dos MEIs criativos, seguido do segmento de arquitetura, *design* e moda (que representa 15,7%) do total do setor. Note-se que a inscrição



entre os trabalhadores da cultura, essa realidade é ainda mais comum, um estudo que abrange apenas dados de emprego formal tem limitações. No entanto, já traz muitas informações relevantes para se entender algumas dimensões da economia criativa.

As duas fontes de dados utilizadas têm algumas diferenças. A RAIS é uma base estatística produzida pelo MTE a partir de registros administrativos apresentados anualmente pelas empresas. Já o Cempre é uma base do IBGE que utiliza os dados da RAIS e os complementa com pesquisas do próprio IBGE nas áreas de indústria, construção, comércio e serviços e do Sistema de Manutenção Cadastral. Dos dados disponíveis nas duas bases, optou-se por usar os do Cempre, que é mais completo. No entanto, a RAIS é mais detalhada e permite uma maior abertura dos dados. Portanto, será utilizada para as informações que não estão disponíveis no Cempre.

1 Panorama do setor da economia criativa no Brasil e no Rio Grande do Sul em 2021 – dados do Cempre

Em 2021, segundo o Cadastro Central de Empresas, o Rio Grande do Sul possuía 30.987 empreendimentos de economia criativa. Isso coloca o Estado na quinta posição das unidades da Federação (UFs) em termos de número de estabelecimentos, como mostra a Tabela 1. Em relação a 2017, o RS perdeu uma posição no *ranking*, tendo sido ultrapassado pelo Paraná.

Entre 2017 e 2021, houve uma variação positiva no número de empreendimentos para todas as UFs consideradas e também para o Brasil. No entanto, algumas UFs tiveram um crescimento mais pronunciado, como Santa Catarina (33,3%) e Distrito Federal (29,6%). Já o Rio Grande do Sul apresentou um crescimento mais modesto, de 12,1%.

Tabela 1

Número e variação de empreendimentos da economia criativa no Brasil e em unidades da Federação (UFs) selecionadas — 2017 e 2021

BRASIL E UFs	2017 (1)	2021 (2)	$\Delta\%$ $\frac{2021}{2017}$
Brasil	342.387	407.562	19,0
São Paulo	127.314	152.609	19,9
Minas Gerais	32.245	37.151	15,2
Rio de Janeiro	31.573	35.689	13,0
Paraná	26.812	32.708	22,0
Rio Grande do Sul	27.645	30.987	12,1
Santa Catarina	16.851	22.465	33,3
Bahia	12.278	13.453	9,6
Goiás	9.193	11.180	21,6
Distrito Federal	6.997	9.069	29,6
Ceará	6.973	8.225	18,0
Pernambuco	6.644	8.033	20,9
Espírito Santo	5.936	7.093	19,5

Fonte: Cadastro Central de Empresas (Cempre) (IBGE, 2021).

(1) Dados atualizados em 25.06.2020. (2) Dados atualizados em 21.06.2023.

como microempreendedor individual pode mascarar relações de subordinação no trabalho que evitam a regulação da Consolidação das Leis do Trabalho (Brasil, 2024).



Em termos de postos de trabalho, houve crescimento de 10,2%, no Brasil, entre 2017 e 2021. Novamente, considerando-se as UFs mais representativas em termos de número de postos de trabalho, o Ceará registrou o maior crescimento, de cerca de 39%, e o Amazonas, o menor, já que quase não sofreu variação no período. Minas Gerais (-6,8%) e Distrito Federal (-4,3%) registraram decréscimo de postos de trabalho nas atividades da economia criativa. O Rio Grande do Sul alcançou 143.847 postos de trabalho no setor, com um aumento de 10,5% no número de postos em relação a 2017. Em um ordenamento de UFs, o Rio Grande do Sul perdeu posição, também por esse critério, em relação ao Paraná, que apresentou um importante crescimento de 15,1% no período.

Tabela 2

Número e variação de empregos formais da economia criativa no Brasil e em unidades da Federação (UFs) selecionadas — 2017 e 2021

BRASIL E UFs	2017 (1)	2021 (2)	$\Delta\%$ $\frac{2021}{2017}$
Brasil	1.996.250	2.199.384	10,2
São Paulo	820.261	881.116	7,4
Minas Gerais	212.517	198.038	-6,8
Rio de Janeiro	157.410	181.058	15,0
Paraná	125.245	144.208	15,1
Rio Grande do Sul	130.200	143.847	10,5
Santa Catarina	92.417	120.759	30,7
Bahia	53.079	63.035	18,8
Ceará	42.795	59.494	39,0
Distrito Federal	54.981	52.630	-4,3
Goiás	39.305	45.256	15,1
Pernambuco	36.245	41.230	13,8
Amazonas	34.171	34.189	0,1

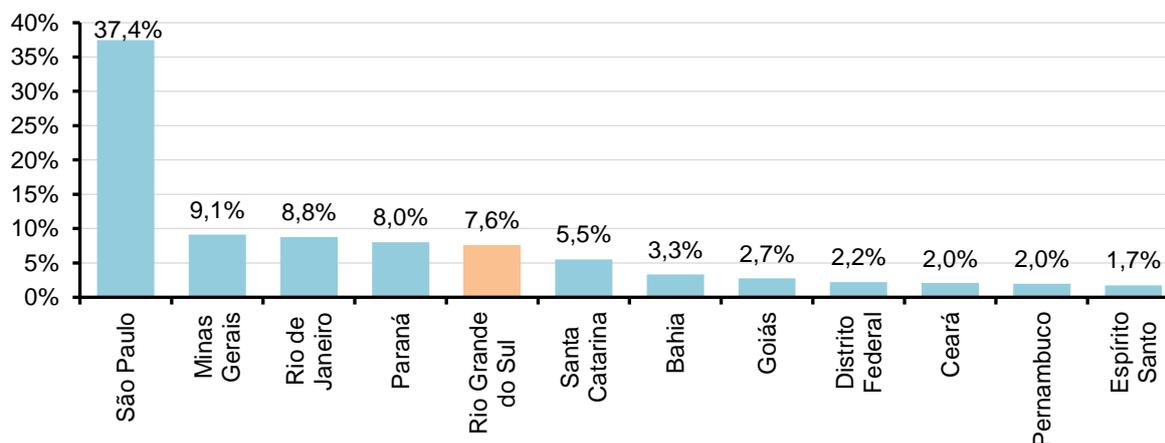
Fonte: Cadastro Central de Empresas (Cempre) (IBGE, 2021).

(1) Dados atualizados em 25.06.2020. (2) Dados atualizados em 21.06.2023.

Ao se considerar a participação de cada UF no total dos empreendimentos de economia criativa no Brasil, observa-se que São Paulo contribuiu com mais de um terço dos estabelecimentos (37,4%), seguido de longe por Minas Gerais (9,1%), Rio de Janeiro (8,8%) e Paraná (8%). O Rio Grande do Sul, na quinta posição, contribuiu com 7,6% dos estabelecimentos, abaixo dos 8,1% registrados em 2017.

Gráfico 1

Participação das unidades da Federação no total de empreendimentos da economia criativa no Brasil — 2021



Fonte: Cadastro Central de Empresas (Cempre) (IBGE, 2021).



É possível também considerar a contribuição de cada UF para os segmentos que compõem a economia criativa, no Brasil, em termos de número de empreendimentos. Nota-se que São Paulo, em 2021, foi a UF que concentrou mais de um terço dos empreendimentos de economia criativa (37,4%), mas essa concentração variou ligeiramente segundo o segmento de atividade da economia criativa. Em todos eles, houve um predomínio desse estado, que chegou a um máximo de 43,3% nas áreas de audiovisual e de tecnologias da informação e da comunicação (TIC) e a um mínimo de 24% no setor de patrimônio e culturas tradicionais. O Rio Grande do Sul foi a quinta UF em termos de participação, com 7,6% dos empreendimentos. No entanto, destaca-se que o Rio Grande do Sul foi a segunda UF com maior participação no segmento de patrimônio e culturas tradicionais (cerca de 14,4%), seguido de Minas Gerais (11%) Santa Catarina (8,5%) e Rio de Janeiro (8,3%). Em telecomunicações e audiovisual, o Rio Grande do Sul apresentou suas menores contribuições — nesses, contribuiu com, respectivamente, 5,6% e 6,2%.

Tabela 3

Distribuição percentual dos empreendimentos da economia criativa, por segmentos, em unidades da Federação selecionadas — 2021

SEGMENTOS	UNIDADES DA FEDERAÇÃO												
	SP	MG	RJ	PR	RS	SC	BA	GO	DF	CE	PE	ES	Outros Estados
Arquitetura, <i>design</i> e moda	36,1	10,6	8,4	8,2	9,4	6,0	2,9	2,6	2,1	1,7	1,7	0,0	10,4
Artes visuais e performáticas	33,4	8,2	18,3	6,7	7,3	3,7	4,7	2,4	1,9	2,1	2,3	0,0	9,1
Audiovisual	43,3	6,5	13,8	6,2	6,2	3,6	2,8	2,4	1,9	1,9	1,6	0,0	9,8
Ensino de cultura	36,2	9,9	11,7	8,4	8,3	5,7	2,7	2,2	2,5	1,5	1,6	0,0	9,2
Patrimônio e culturas tradicionais	24,0	11,0	8,3	7,7	14,4	8,5	3,9	2,4	2,0	2,8	2,2	0,0	12,7
Publicação, editoração e mídia	37,1	8,7	8,6	8,2	7,0	4,7	3,4	2,8	2,9	2,3	1,9	0,0	12,4
Publicidade	39,7	9,3	7,1	8,6	7,1	5,9	2,9	3,0	2,2	1,7	1,7	0,0	10,7
Tecnologias da informação e comunicação	43,3	8,3	7,3	8,1	7,3	6,2	2,7	2,2	2,3	1,7	1,6	0,0	8,9
Telecomunicações	25,8	10,1	6,9	8,2	5,6	4,7	5,6	4,2	1,7	3,4	3,9	0,0	19,9
Total	37,4	9,1	8,8	0,1	7,6	5,5	3,3	2,7	2,2	2,0	2,0	1,7	11,3

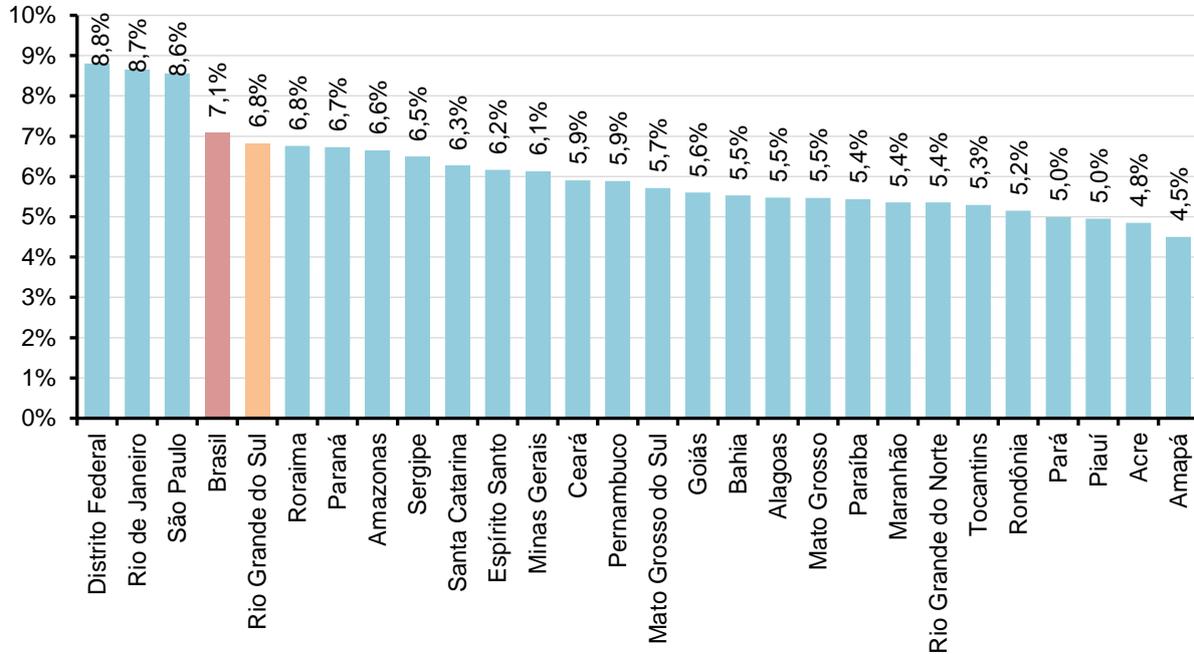
Fonte: Cadastro Central de Empresas (Cempre) (IBGE, 2021).

Em nenhuma UF, os empreendimentos da economia criativa chegaram a um décimo do total dos empreendimentos. Para o Amapá, estes representaram apenas 4,5% do total dos empreendimentos e, para o Distrito Federal, 8,8%. Distrito Federal, Rio de Janeiro (8,7%) e São Paulo (8,6%) tiveram as maiores participações da economia criativa para o total dos empreendimentos. O Rio Grande do Sul posiciona-se a seguir: 6,8% do total dos empreendimentos no Estado estavam no setor de economia criativa, próximo da participação desse setor no Brasil (7,1%). Dessa forma, em relação a 2017, o Rio Grande do Sul manteve seu lugar no ordenamento das UFs, com um leve acréscimo de participação de 0,2 p.p.



Gráfico 2

Participação da economia criativa no total de empreendimentos do Brasil e das unidades da Federação — 2021



Fonte: Cadastro Central de Empresas (Cempre) (IBGE, 2021).

De outra parte, ao se considerar os segmentos da economia criativa e como eles participaram na composição dos empreendimentos em cada UF, em 2021, constatam-se diferenças importantes. Observa-se, em primeiro lugar, que o segmento predominante em todas as UFs foi o de TIC (com exceção de Pernambuco, onde o destaque foram as telecomunicações). No entanto, ele teve um peso maior em São Paulo (nesse estado, ele foi responsável por 26,2% dos empreendimentos de economia criativa) e em Santa Catarina (onde estavam concentrados 25,7% dos empreendimentos de economia criativa). As UFs em que ele teve relativamente menor importância são Bahia (18,4% dos empreendimentos do setor) e Goiás (18,6%). O Rio Grande do Sul seguiu a tendência: 21,8% dos empreendimentos da economia criativa estavam nesse segmento.

Tabela 4

Distribuição percentual do número de empreendimentos da economia criativa, por segmentos, no Brasil e em unidades da Federação selecionadas — 2021

SEGMENTOS	UNIDADES DA FEDERAÇÃO													
	Brasil	SP	MG	RJ	PR	RS	SC	BA	GO	DF	CE	PE	ES	
Arquitetura, <i>design</i> e moda	17,1	16,5	19,8	16,3	17,4	21,2	18,5	15,1	16,4	15,7	14,5	15,1	18,4	
Artes visuais e performáticas	4,6	4,1	4,1	9,6	3,8	4,4	3,0	6,6	4,0	3,9	4,8	5,3	4,2	
Audiovisual	7,0	8,0	5,0	11,0	5,4	5,6	4,6	5,8	6,0	5,9	6,5	5,6	4,6	
Ensino de cultura	3,2	3,1	3,5	4,3	3,4	3,5	3,3	2,7	2,5	3,6	2,3	2,6	3,2	
Patrimônio e culturas tradicionais	3,4	2,2	4,1	3,2	3,3	6,5	5,3	4,0	3,0	3,1	4,8	3,8	4,0	
Publicação, editoração e mídia	15,0	14,9	14,4	14,8	15,4	13,7	12,8	15,5	15,4	19,3	17,0	14,5	14,8	
Publicidade	17,0	18,1	17,5	13,9	18,2	15,9	18,2	14,9	18,5	17,0	14,7	14,5	17,7	
Tecnologias da informação e comunicação	22,7	26,2	20,6	19,0	23,0	21,8	25,7	18,4	18,6	23,8	18,8	18,9	20,2	
Telecomunicações	10,0	6,9	11,0	7,9	10,2	7,4	8,6	17,0	15,5	7,7	16,6	19,7	12,9	

Fonte: Cadastro Central de Empresas (Cempre) (IBGE, 2021).



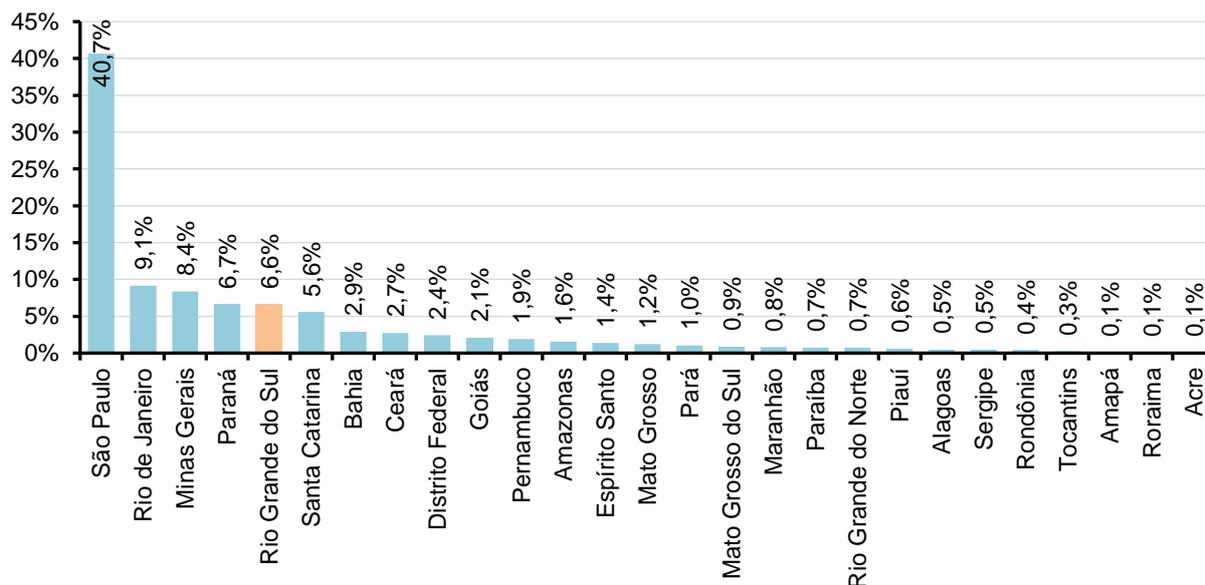
No entanto, diferentemente do que ocorreu em outras UF's, no Rio Grande do Sul, houve uma grande participação de arquitetura, *design* e moda na composição da economia criativa, que representou 21,2% desta. Esse segmento possui uma participação maior inclusive em relação ao Brasil, no qual o setor de arquitetura, *design* e moda foi, em 2021, o segundo em termos de participação: no Brasil, 17,1% dos empreendimentos em economia criativa estavam nesse segmento.

Por outro lado, o “núcleo duro” cultural da economia criativa³ — os segmentos das artes visuais e performáticas, audiovisual, patrimônio e culturas tradicionais, publicação, editoração e mídia e ensino de cultura, tomados conjuntamente —, no RS, representava, em 2021, pouco mais de um terço (33,7%) do setor, tomando-se o número de empreendimentos. Esse percentual é maior em relação a São Paulo (32,3%) e a Minas Gerais (31,1%), e menor em relação à Bahia (34,6%) ou ao Distrito Federal (35,7%). O estado com maior participação desse núcleo é o Rio de Janeiro, onde 42,9% do setor eram compostos por essas atividades mais centralmente culturais. Para o Brasil, o núcleo duro era de cerca de um terço (33,2%) do setor, com destaque para o segmento de publicação, editoração e mídia (15% das empresas de economia criativa estavam nesse segmento).

Retomando-se o peso gigantesco de São Paulo na composição dos postos de trabalho de economia criativa do País: 40,7% dos postos de trabalho em economia criativa estavam em São Paulo. Todas as outras UF's selecionadas não chegam a compor um décimo da participação no Brasil. Em 2021, o Rio Grande do Sul ocupou a quinta posição no total dos postos de trabalho, participando com 6,6% desses. Em relação a 2017, quando participava com 6,5% dos postos de trabalho, houve uma queda do Rio Grande do Sul no ordenamento das UF's, que perdeu a quarta posição para o Paraná.

Gráfico 3

Participação das unidades da Federação no total de postos de trabalho da economia criativa do Brasil — 2021



Fonte: Cadastro Central de Empresas (Cempre) (IBGE, 2021).

Ao se considerar cada segmento da economia criativa separadamente, nota-se o peso de São Paulo na composição dos empregos, principalmente nas áreas de publicidade (43,2%) e TIC (48,1%). Já

³ Consideram-se como “núcleo duro” as atividades ou os setores cujo pertencimento ao âmbito da cultura é amplamente reconhecido socialmente.



o Rio Grande do Sul teve sua maior participação em arquitetura, *design* e moda (8,8%) e TIC (7,7%). Em ambos, o Estado foi o terceiro em um ordenamento de contribuições em 2021.

Tabela 5

Distribuição percentual do emprego da economia criativa, por segmentos, em unidades da Federação selecionadas — 2021

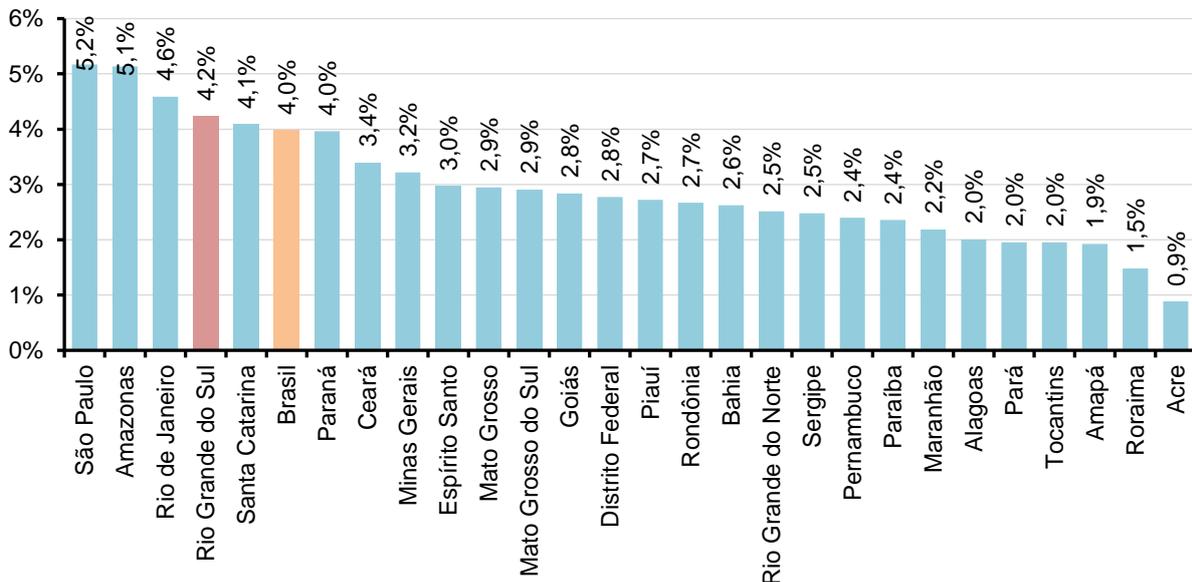
SEGMENTOS	UNIDADES DA FEDERAÇÃO													Outros Estados
	SP	MG	RJ	PR	RS	SC	BA	GO	DF	CE	PE	ES		
Arquitetura, <i>design</i> e moda	35,0	10,0	8,6	7,2	8,8	7,0	2,7	2,7	2,1	1,8	1,7	1,7	10,2	
Artes visuais e performáticas	31,4	8,5	17,9	5,9	6,0	3,5	4,9	2,6	2,2	2,6	3,2	1,9	9,4	
Audiovisual	36,2	6,4	19,0	7,0	6,7	3,9	3,5	1,5	2,2	1,4	1,7	1,3	10,2	
Ensino de cultura	33,0	10,1	15,1	6,9	5,8	5,1	3,0	1,9	2,8	2,2	2,2	1,8	11,1	
Patrimônio e culturas tradicionais	32,7	6,7	11,1	6,4	7,1	7,0	3,7	2,0	3,8	6,8	2,8	1,2	9,2	
Publicação, editoração e mídia	38,7	7,9	10,9	8,5	7,0	4,2	2,9	2,2	2,5	2,8	2,0	1,6	9,3	
Publicidade	43,2	9,6	6,9	7,6	5,6	5,4	3,9	2,4	1,6	2,4	2,1	1,4	9,0	
Tecnologias da informação e comunicação	48,1	8,2	5,4	6,5	7,7	7,0	1,8	1,5	3,4	1,9	1,3	1,2	6,3	
Telecomunicações	37,9	8,0	9,2	4,8	4,3	4,4	3,8	2,6	1,4	4,7	2,5	1,3	12,8	
Total	40,7	8,4	9,1	6,7	6,6	5,6	2,9	2,1	2,4	2,7	1,9	1,4	9,3	

Fonte: Cadastro Central de Empresas (Cempre) (IBGE, 2021).

De forma geral, em relação a 2017, constata-se uma leve queda da participação do setor da economia criativa no total dos postos de trabalho nas UFs: enquanto, em 2017, essa participação nos postos de trabalho tinha, como máximo, 6,3% no Amazonas e, como mínimo, 1,6% em Roraima, em 2021 a economia criativa contribuiu com um máximo de 5,2% dos postos de trabalho em São Paulo e um mínimo de 0,9% no Acre. O Rio Grande do Sul, no ordenamento de UFs, manteve sua posição em relação a 2017, com 4,2% dos postos de trabalho nesse setor.

Gráfico 4

Participação da economia criativa no total de postos de trabalho do Brasil e das unidades da Federação — 2021



Fonte: Cadastro Central de Empresas (Cempre) (IBGE, 2021).



Em 2021, o segmento de TIC teve um peso relevante para os empregos da economia criativa no Brasil, representando 29,4%, quase um terço dos postos de trabalho. No Distrito Federal (41%), em São Paulo (35%), em Santa Catarina (37,4%) e no Rio Grande do Sul (34,2%), os postos de trabalho em economia criativa representaram mais de um terço nesse segmento. O segmento de telecomunicações, por sua vez, o segundo em postos de trabalho no Brasil (19,8% dos postos de trabalho), foi bastante expressivo no Amazonas (onde representava 44,9% dos postos de trabalho) e no Ceará (cerca de 34,4% dos postos de trabalho). Para o Rio Grande do Sul, além do setor de TIC, os segmentos de publicação, editoração e mídia (14,9% dos postos de trabalho) e de arquitetura, *design* e moda (14,6% dos postos) foram os mais expressivos. Destaca-se também, no Rio Grande do Sul, a baixíssima participação dos segmentos de artes visuais e performáticas (1,8%), patrimônio e culturas tradicionais (3,0%) e ensino de cultura (3,2%) na composição dos postos de trabalho da economia criativa.

Tabela 6

Distribuição percentual dos postos de trabalho da economia criativa, por segmentos, no Brasil em unidades da Federação selecionadas — 2021

SEGMENTOS	UNIDADES DA FEDERAÇÃO													
	Brasil	SP	MG	RJ	PR	RS	SC	BA	GO	DF	CE	PE	AM	
Arquitetura, <i>design</i> e moda	10,9	9,5	13,1	10,3	11,9	14,6	13,8	10,1	14,2	9,6	7,1	10,0	15,5	
Artes visuais e performáticas	2,0	1,5	2,0	3,9	1,8	1,8	1,2	3,3	2,4	1,8	1,9	3,4	2,4	
Audiovisual	7,4	6,0	5,2	14,1	7,1	6,8	4,7	8,1	4,8	6,2	3,4	5,9	1,6	
Ensino de cultura	3,7	3,0	4,5	6,1	3,9	3,2	3,4	3,8	3,4	4,2	3,0	4,3	2,2	
Patrimônio e culturas tradicionais	2,9	2,3	2,2	3,4	2,7	3,0	3,5	3,6	2,7	4,4	7,0	4,2	1,2	
Publicação, editoração e mídia	14,2	13,5	13,5	16,9	18,1	14,9	10,6	14,3	15,2	14,9	14,6	14,7	10,2	
Publicidade	9,8	10,5	11,3	7,5	11,2	8,4	9,5	13,2	11,6	6,7	8,5	10,8	2,7	
Tecnologias da informação e comunicação	29,5	35,0	29,1	17,6	28,9	34,2	37,4	17,9	21,0	41,0	20,2	20,6	19,3	
Telecomunicações	19,8	18,6	19,1	20,2	14,3	13,0	15,8	25,8	24,5	11,3	34,4	26,1	44,9	

Fonte: Cadastro Central de Empresas (Cempre) (IBGE, 2021).

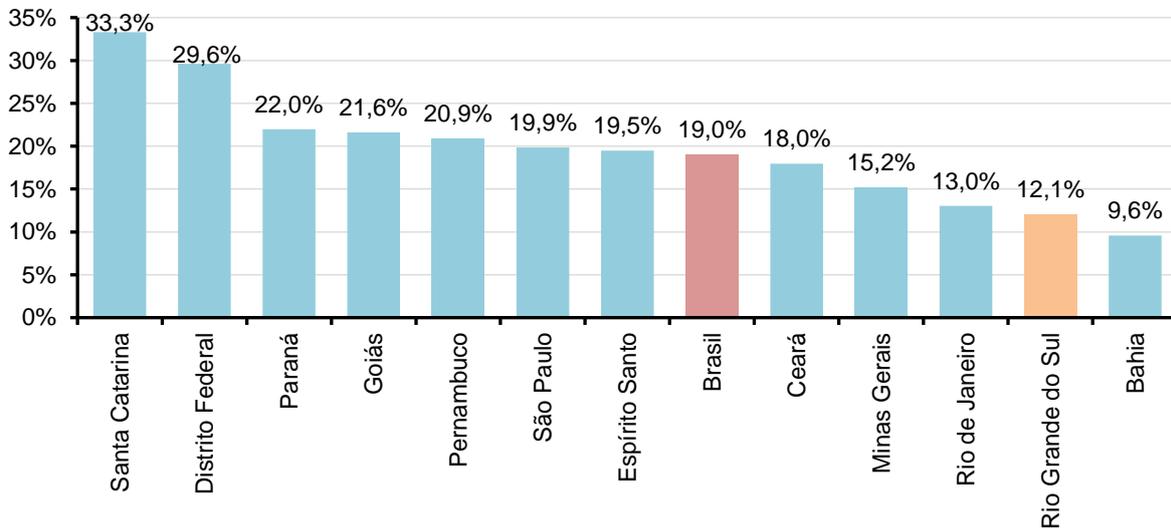
Dinâmica recente da economia criativa no Brasil e no Rio Grande do Sul

Como se antecipou na Tabela 1, tanto o Brasil como a maior parte das UFs selecionadas apresentaram crescimentos importantes em termos de número de empreendimentos, entre 2017 e 2021, com destaque para Santa Catarina (33,3% de crescimento) e Distrito Federal (29,6%). São Paulo registrou um crescimento similar ao do Brasil (19,9%), enquanto os menores aumentos foram vistos no Rio de Janeiro (13,0%), no Rio Grande do Sul (12,1%) e na Bahia (9,6%).



Gráfico 5

Varição percentual do número de empreendimentos da economia criativa no Brasil e em unidades da Federação selecionadas — 2017-21



Fonte: Cadastro Central de Empresas (Cempre) (IBGE, 2021).

O Brasil apresentou um crescimento importante de 19% em termos de empreendimentos nesse período. Os segmentos que mais cresceram foram os de publicidade (73,6%), telecomunicações (27,5%), arquitetura, *design* e moda (21,3%) e TIC (20,4%). Por outro lado, houve uma redução no número de estabelecimentos de patrimônio e culturas tradicionais (-6,7%) e de publicação, editoração e mídia (-5%).

Tabela 7

Número e variação percentual de empreendimentos da economia criativa, por segmentos, no Brasil — 2017 e 2021

SEGMENTOS	2017	2021	$\Delta\%$ $\frac{2021}{2017}$
Arquitetura, <i>design</i> e moda	57.442	69.650	21,3
Artes visuais e performáticas	18.823	18.696	-0,7
Audiovisual	25.742	28.343	10,1
Ensino de cultura	12.273	13.060	6,4
Patrimônio e culturas tradicionais	14.894	13.901	-6,7
Publicação, editoração e mídia	64.411	61.192	-5,0
Publicidade	39.989	69.421	73,6
Tecnologias da informação e comunicação	76.803	92.477	20,4
Telecomunicações	32.010	40.822	27,5
Total	342.387	407.562	19,0

Fonte: Cadastro Central de Empresas (Cempre) (IBGE, 2021).

Considerando-se somente o Rio Grande do Sul, pode-se observar que o número de empreendimentos da indústria criativa cresceu 12,1% no período. No entanto, a participação de cada grupo de atividades da economia criativa variou de diferentes formas entre 2017 e 2021. O segmento de publicidade registrou o maior crescimento, de 70,3%, enquanto o de publicação, editoração e mídia apresentou o maior decréscimo, de 11,3%. Entre os setores propriamente culturais, ou que formam um núcleo duro cultural, somente o de ensino de cultura registrou um crescimento de 9,7%. Artes visuais e performáticas



(-5,6%), audiovisual (-7,8%), patrimônio e culturas tradicionais (-3,5%), além do segmento de publicação, editoração e mídia, já referido, registraram decréscimo de número de empresas nesse período.

Tabela 8

Número de empreendimentos e variação percentual da economia criativa, por segmentos, no Rio Grande do Sul — 2017 e 2021

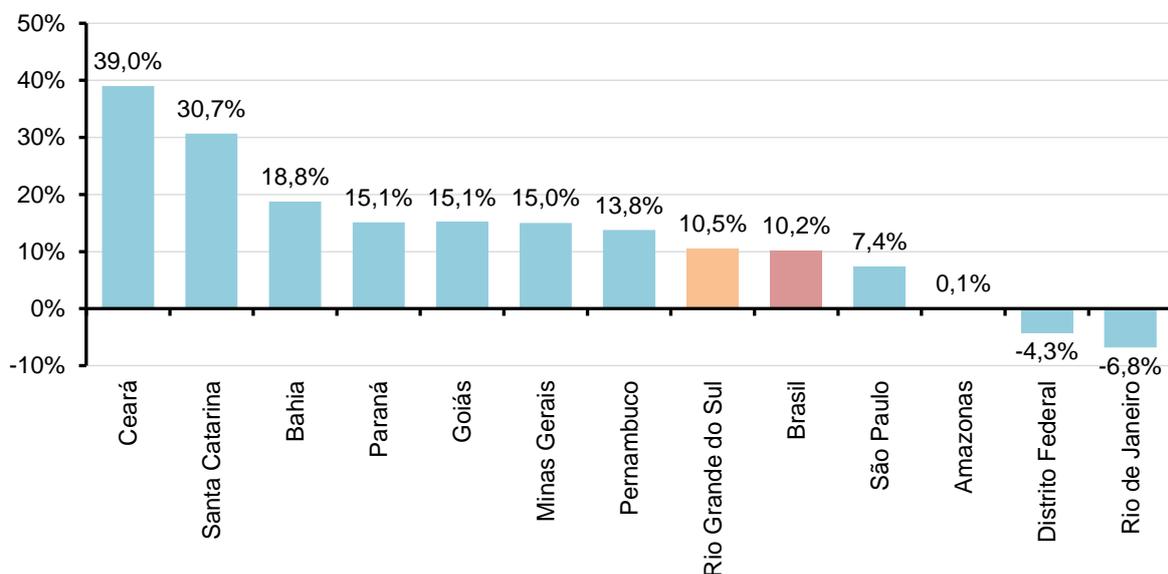
SEGMENTOS	2017	2021	$\Delta\%$ $\frac{2021}{2017}$
Arquitetura, <i>design</i> e moda	5.648	6.560	16,1
Artes visuais e performáticas	1.438	1.358	-5,6
Audiovisual	1.899	1.750	-7,8
Ensino de cultura	984	1.079	9,7
Patrimônio e culturas tradicionais	2.076	2.004	-3,5
Publicação, editoração e mídia	4.797	4.256	-11,3
Publicidade	2.896	4.932	70,3
Tecnologias da informação e comunicação	5.831	6.743	15,6
Telecomunicações	2.076	2.305	11,0
Total	27.645	30.987	12,1

Fonte: Cadastro Central de Empresas (Cempre) (IBGE, 2021).

Em relação à variação percentual do número de postos de trabalho da economia criativa no período para o Brasil e as UFs, observa-se que o País e o Rio Grande do Sul apresentaram crescimentos muito similares. Entre os estados de maior expressão em termos de volume de postos de trabalho, São Paulo apresentou um crescimento de 7,4%, menor que o do Rio Grande do Sul, que foi de 10,5%. Santa Catarina, Bahia e Paraná apresentaram crescimentos bastante significativos no período (respectivamente, 30,7%, 18,8% e 15,1%). Já o Rio de Janeiro teve um decréscimo de 6,8% em termos de postos de trabalho.

Gráfico 6

Variação percentual do número de postos de trabalho da economia criativa no Brasil e em unidades da Federação selecionadas — 2017-21



Fonte: Cadastro Central de Empresas (Cempre) (IBGE, 2021).



No Brasil, observa-se um crescimento de 10,2% dos postos de trabalho, em um movimento bastante parecido com o Rio Grande do Sul. O segmento de maior crescimento em número de postos de trabalho foi o de publicidade (47,7% a mais de postos), seguido de telecomunicações (24,6%) e TIC (19,8%). De outra parte, alguns segmentos apresentaram decréscimos importantes, especialmente artes visuais e performáticas (-18,1%), audiovisual (-12,4%) e ensino de cultura (-13,2%). De forma geral, no Brasil e no Rio Grande do Sul, o decréscimo de postos de trabalho ocorreu nas áreas pertencentes ao núcleo cultural da economia criativa.

Tabela 9

Número e variação percentual de postos de trabalho da economia criativa, por segmentos, no Brasil — 2017 e 2021

SEGMENTOS	2017	2021	$\Delta\% \frac{2021}{2017}$
Arquitetura, <i>design</i> e moda	227.417	239.920	5,5
Artes visuais e performáticas	53.188	43.566	-18,1
Audiovisual	185.372	162.345	-12,4
Ensino de cultura	93.126	80.801	-13,2
Patrimônio e culturas tradicionais	67.894	63.199	-6,9
Publicação, editoração e mídia	333.735	311.612	-6,6
Publicidade	145.311	214.657	47,7
Tecnologias da informação e comunicação	540.713	647.799	19,8
Telecomunicações	349.494	435.485	24,6
Total	1.996.250	2.199.384	10,2

Fonte: Cadastro Central de Empresas (Cempre) (IBGE, 2021).

Entre 2017 e 2021, no Rio Grande do Sul, registrou-se um crescimento do número de postos de trabalho na economia criativa de 10,5% no total. Embora os segmentos de publicidade, telecomunicações e TIC tenham apresentado crescimentos expressivos no período, de, respectivamente, 41,5%, 34,4% e 27,3%, boa parte dos outros setores tiveram decréscimo em número de postos de trabalho, com destaque para audiovisual (-24,3%), patrimônio e culturas tradicionais (-17,0%) e artes visuais e performáticas (-16,9%).

Tabela 10

Número de empregos e variação percentual da economia criativa, por segmentos, no Rio Grande do Sul — 2017 e 2021

SEGMENTOS	2017	2021	$\Delta\% \frac{2021}{2017}$
Arquitetura, <i>design</i> e moda	19.773	21.070	6,6
Artes visuais e performáticas	3.114	2.589	-16,9
Audiovisual	12.908	9.766	-24,3
Ensino de cultura	5.274	4.675	-11,4
Patrimônio e culturas tradicionais	5.233	4.343	-17,0
Publicação, editoração e mídia	22.840	21.471	-6,0
Publicidade	8.553	12.101	41,5
Tecnologias da informação e comunicação	38.603	49.142	27,3
Telecomunicações	13.902	18.690	34,4
Total	130.200	143.847	10,5

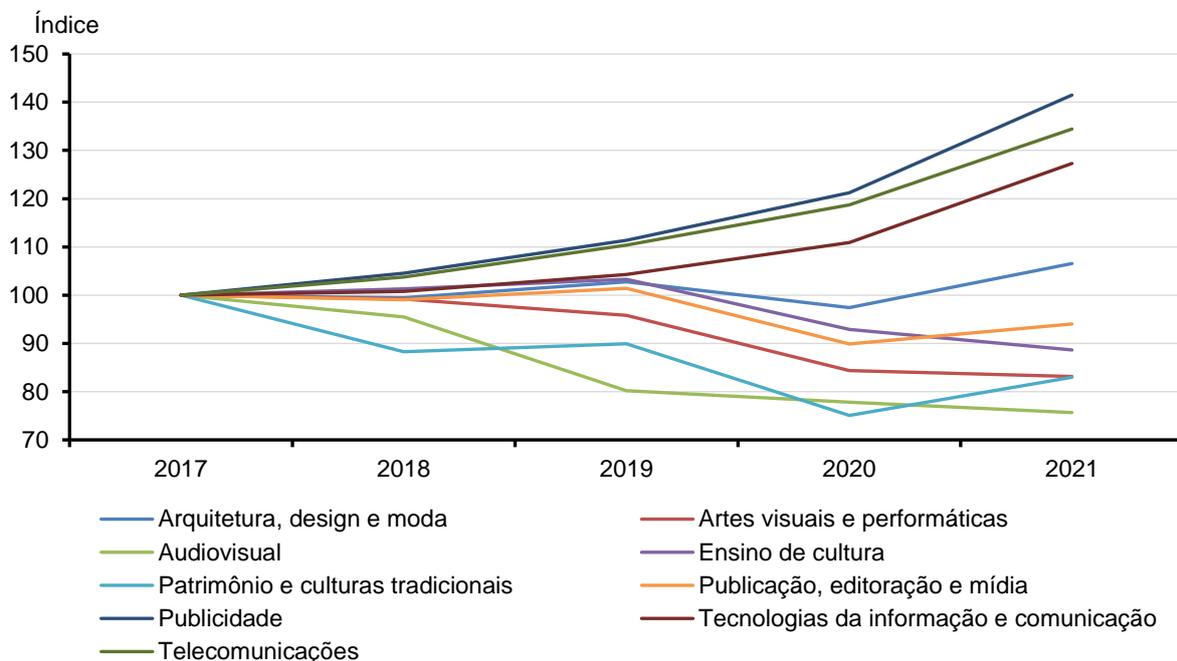
Fonte: Cadastro Central de Empresas (Cempre) (IBGE, 2021).



Essa variação pode ser separada em dois períodos menores. Entre 2017 e 2019, os segmentos com maior crescimento acumulado no número de empregos formais foram o de publicidade (11,4%) e o de telecomunicações (10,3%). Já as maiores quedas foram registradas no audiovisual (-19,8%) e em patrimônio e culturas tradicionais (-10,1%). Em 2020, a pandemia de COVID-19 teve um grande impacto em toda a economia, e os setores criativos não foram exceção. Os segmentos mais afetados no primeiro ano de pandemia foram patrimônio e culturas tradicionais (queda de 16,5% no número de empregos de 2019 para 2020), artes visuais e performáticas (-11,9%), publicação, editoração e mídia (-11,4%) e ensino de cultura (-10,1%). Apenas três segmentos conseguiram aumentar o número de empregos em 2020: publicidade (8,8%), telecomunicações (7,6%) e tecnologias da informação e comunicação (6,4%). Esses segmentos já apresentavam bom resultado em anos anteriores, e, além disso, a própria natureza deles fez com que não fossem tão afetados — sendo, em alguns casos, até beneficiados — pela pandemia. Em 2021, os mesmos três segmentos continuaram liderando o crescimento do emprego na economia criativa gaúcha. Outros três, que haviam caído em 2020, recuperaram-se em 2021: patrimônio e culturas tradicionais (10,6%), arquitetura, *design* e moda (9,4%) e publicação, editoração e mídia (4,6%). Por fim, três segmentos que já haviam apresentado queda em 2020 também tiveram desempenho negativo em 2021: ensino de cultura (-4,6%), audiovisual (-2,8%) e artes visuais e performáticas (-1,5%). O Gráfico 7 mostra o desempenho de cada segmento entre 2017 e 2021, com todos partindo de um mesmo número-índice para facilitar a comparação.

Gráfico 7

Empregos da economia criativa, por segmentos, no Rio Grande do Sul — 2017-21



Fonte dos dados brutos: Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) (Brasil, 2023).
Nota: Os índices têm como base 2017 = 100.

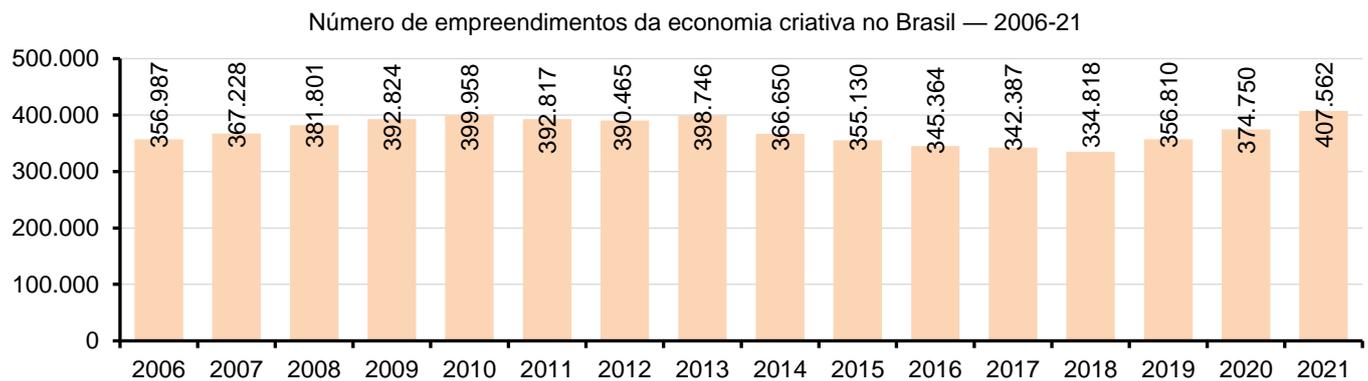
Séries históricas do setor de economia criativa no Brasil e no Rio Grande do Sul — 2006-21

A trajetória dos empreendimentos de economia criativa no Brasil registrou um crescimento inicial de número de empresas entre 2007 e 2010: nesse período, o crescimento ocorreu ano a ano, tendo como



ápice o ano de 2008, em que o número de empresas aumentou 4% em relação a 2007. O ano de 2011 marcou um decréscimo do número de empreendimentos em relação a 2010, havendo um período de forte decréscimo a partir desse ano até 2018 (exceção ao ano de 2013, que apresentou uma pequena recuperação em relação ao ano anterior, de mais 2,1% de empresas). A partir de 2019, observa-se uma paulatina recuperação do crescimento do número de empreendimentos: houve crescimento de 6,6% em 2019, em relação ao ano anterior, de 5% em 2020 e de 8,8% em 2021.

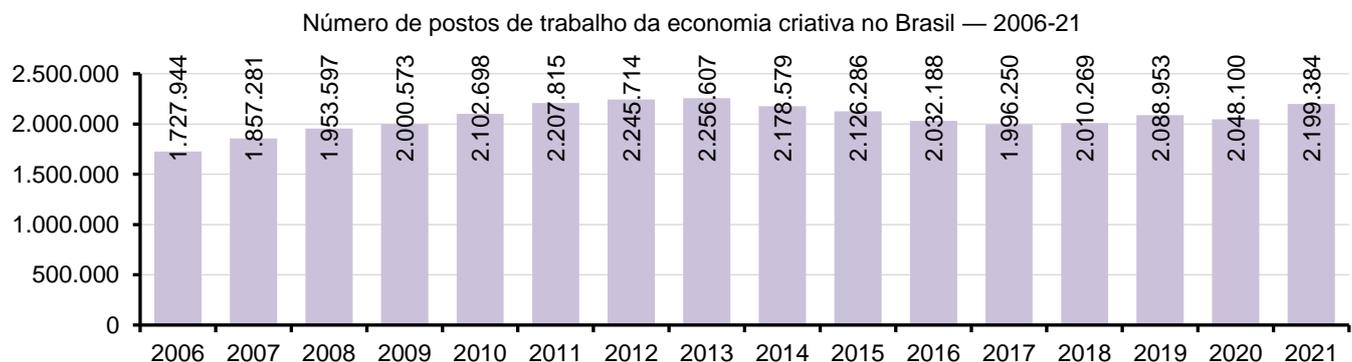
Gráfico 8



Fonte: Cadastro Central de Empresas (Cempre) (IBGE, 2021).

Com relação aos postos de trabalho, observa-se um crescimento considerável entre 2007 e 2011. Em todo esse período, somente o ano de 2009 registrou um crescimento menor, de 2,4%, em relação ao ano anterior. Já de 2012 para 2013, houve ainda expansão do número de postos de trabalho, porém menos intensa, de 1,7% em 2012 e de 0,5% em 2013. A seguir, o período de 2014 a 2017 foi marcado por um decréscimo constante dos postos de trabalho, principalmente em 2016, quando ocorreu um decréscimo de 4,4% dos postos em relação ao ano anterior. O ano de 2018 iniciou uma pequena recuperação do crescimento dos postos, e, ainda que, em 2020, tenha havido um decréscimo de 2% em relação a 2019, 2021 registrou um importante crescimento de 7,4% dos postos em relação ao ano anterior.

Gráfico 9

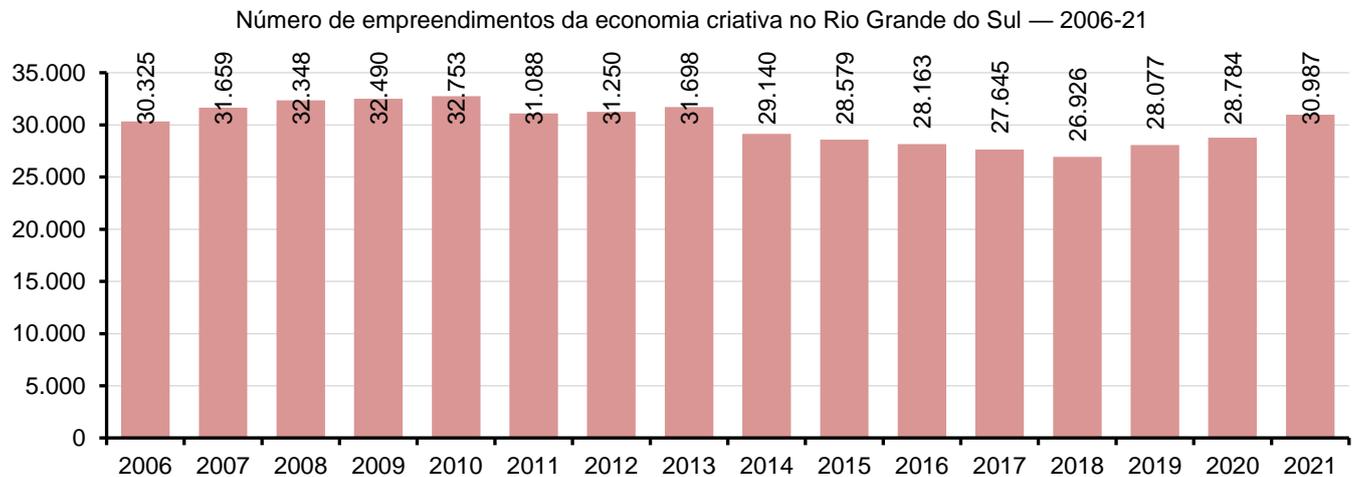


Fonte: Cadastro Central de Empresas (Cempre) (IBGE, 2021).

Em termos de empreendimentos, o Rio Grande do Sul acompanhou a trajetória do Brasil, iniciando a série com sucessivas variações positivas, porém decrescentes, até 2010. Entre 2011 e 2018, houve um decréscimo continuado do número de empresas, com exceção de 2012 e 2013, que registram pequeníssimos crescimentos. A partir de 2019, esboçou-se uma recuperação da tendência de crescimento, e, em 2021, registrou-se crescimento de 7,7% em relação ao ano anterior.



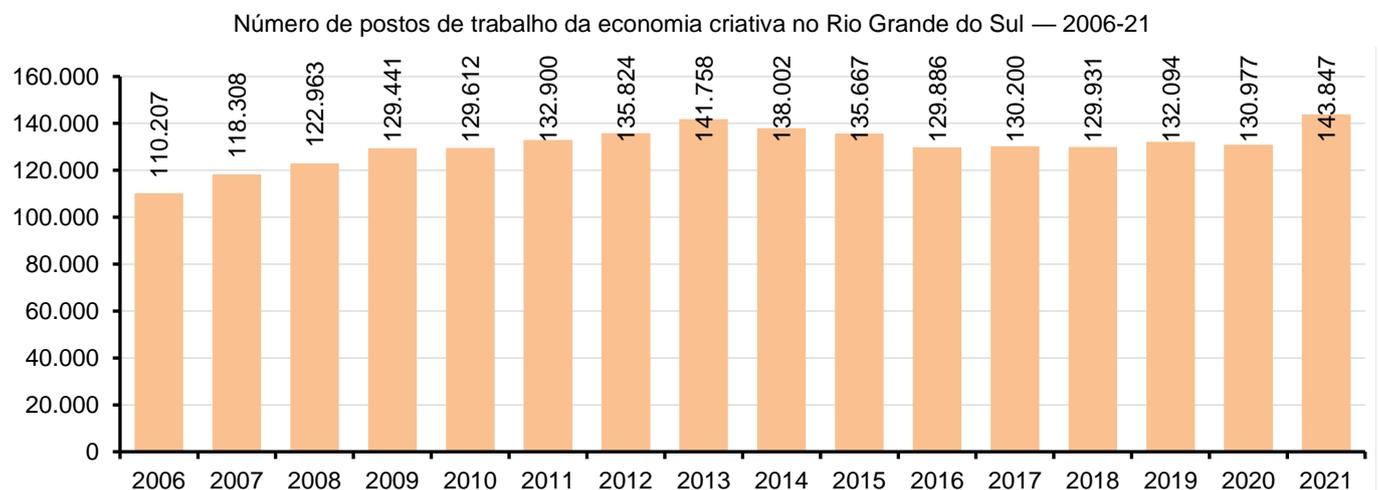
Gráfico 10



Fonte: Cadastro Central de Empresas (Cempre) (IBGE, 2021).

Já o número de postos de trabalho apresentou um movimento de crescimento contínuo entre 2007 e 2013. A seguir, entre 2014 e 2020, houve ou um crescimento negativo entre os anos (com o ápice em 2016, -4,3% de postos de trabalho em relação ao ano anterior), ou crescimentos bastante baixos. No entanto, de 2020 para 2021, registrou-se um crescimento importante, de 9,8%, e o número de postos de trabalho atingiu o seu nível máximo na série.

Gráfico 11



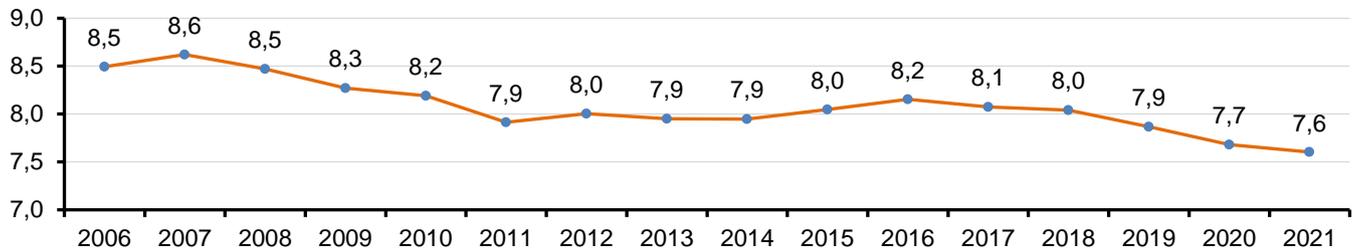
Fonte: Cadastro Central de Empresas (Cempre) (IBGE, 2021).

O Rio Grande do Sul teve sua participação no número de empresas da economia criativa no Brasil reduzida ao longo do período analisado, em um movimento que não deixou de ser oscilatório. Iniciou a série com uma participação importante de 8,5%, que foi decrescendo até 2011, esboçando, então, um tímido aumento até 2016. A seguir, ocorreu um movimento de queda na participação bem acentuado, até que, em 2021, a participação do Rio Grande do Sul no total de empreendimentos em economia criativa se reduziu a 7,6% do total no Brasil.



Gráfico 12

Participação do número de empreendimentos da economia criativa do Rio Grande do Sul nos empreendimentos da economia criativa do Brasil — 2006-21

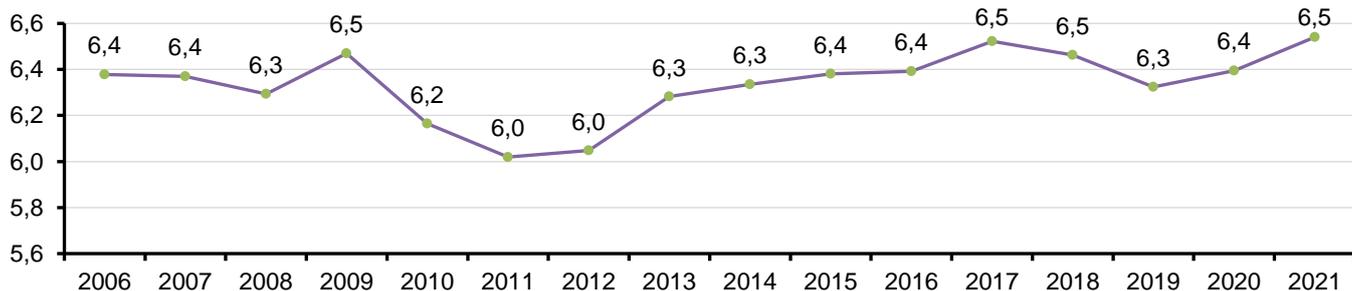


Fonte: Cadastro Central de Empresas (Cempre) (IBGE, 2021).

Por outro lado, a participação gaúcha no total nacional de postos de trabalho da economia criativa permaneceu relativamente constante, passando de 6,4% em 2006 para 6,5% em 2021. Houve, entretanto, algumas oscilações ao longo da série, apresentando o valor mais baixo em 2011 (6,0%).

Gráfico 13

Participação do número de postos de trabalho da economia criativa do Rio Grande do Sul nos postos de trabalho da economia criativa do Brasil — 2006-21



Fonte: Cadastro Central de Empresas (Cempre) (IBGE, 2021).

2 A economia criativa no Brasil e no Rio Grande do Sul em 2021 — dados da RAIS

As informações presentes no banco de dados da Relação Anual e Informações Sociais permitem recortes mais detalhados quanto ao mercado de trabalho formal do setor da economia criativa e dizem respeito a características como força de trabalho, salários, tamanho dos estabelecimentos e distribuição geográfica dos empregos nesse setor.

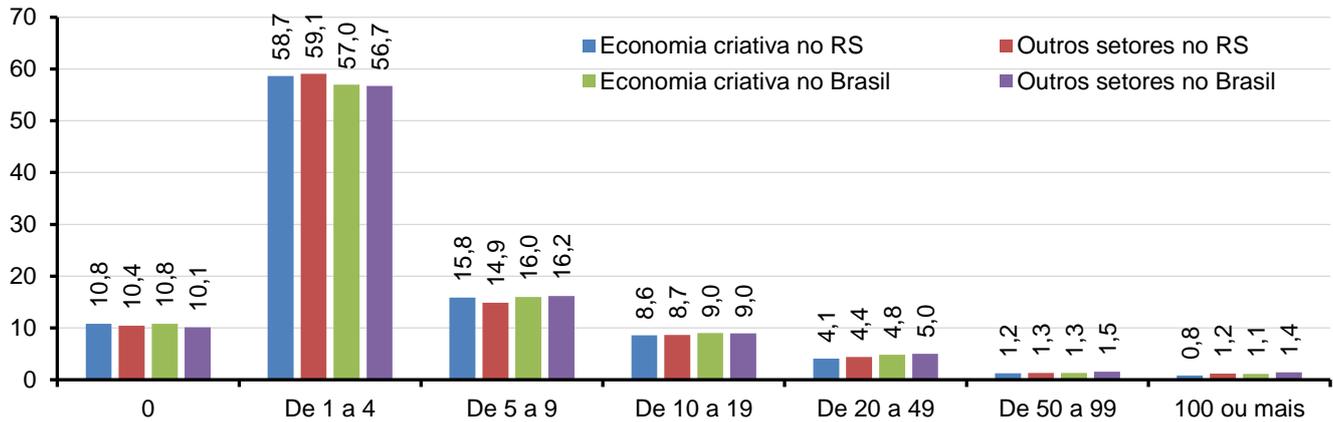
Com relação à distribuição das empresas segundo o tamanho dos estabelecimentos, verifica-se uma distribuição bastante similar à de 2017 (Ver Augustin *et al.*, 2019, p. 14-15). Assim, há bastante simetria entre o setor da economia criativa e os outros setores, em termos de distribuição percentual, tanto para o Brasil como para o Rio Grande do Sul. Os estabelecimentos com nenhum empregado, em 2021, eram 10,8% dos estabelecimentos da economia criativa no Rio Grande do Sul e no Brasil. Já os de um a quatro empregados representavam os estabelecimentos de maior frequência para todos os setores, sendo que, para a economia criativa, no RS, eles eram 58,7% dos estabelecimentos. Para o Brasil, esse tamanho de estabelecimento estava um pouco menos concentrado para o setor, com 57% dos estabelecimentos de economia criativa nesse tamanho. Os estabelecimentos com mais de 100 empregados eram pouco numerosos no Brasil e no Rio Grande do Sul; no entanto, ao passo que somaram apenas 0,8%



dos estabelecimentos de economia criativa no Rio Grande do Sul, os estabelecimentos desse tamanho, no Brasil, atingiram um percentual um pouco maior, de cerca de 1,1% estabelecimentos do setor.

Gráfico 14

Distribuição percentual dos estabelecimentos, por número de empregados, no Rio Grande do Sul e no Brasil — 2021



Fonte: Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) (Brasil, 2023).

Assim, o que se observa é que, em termos de número médio de empregados, o setor da economia criativa possuía uma média de 7,5 empregados por estabelecimento no total do setor, bastante abaixo do total da economia gaúcha, que apresentava uma média de 10,3 empregados em 2021. Ainda assim, entre os segmentos da economia criativa, observam-se grandes diferenças no número médio de empregados, sendo que aqueles diretamente ligados à cultura apresentaram um número médio de empregados menor que o total do setor (6,2 empregados, em média). Além disso, enquanto setores fortemente vinculados à cultura, como artes visuais e performáticas, possuíam o mais baixo número médio de empregados — 2,7 empregados, em média —, setores como TIC e audiovisual possuíam um número médio de empregados maior que o total de 13 empregados.

Tabela 11

Número médio de empregados por estabelecimento, por segmentos da economia criativa, no Rio Grande do Sul — 2021

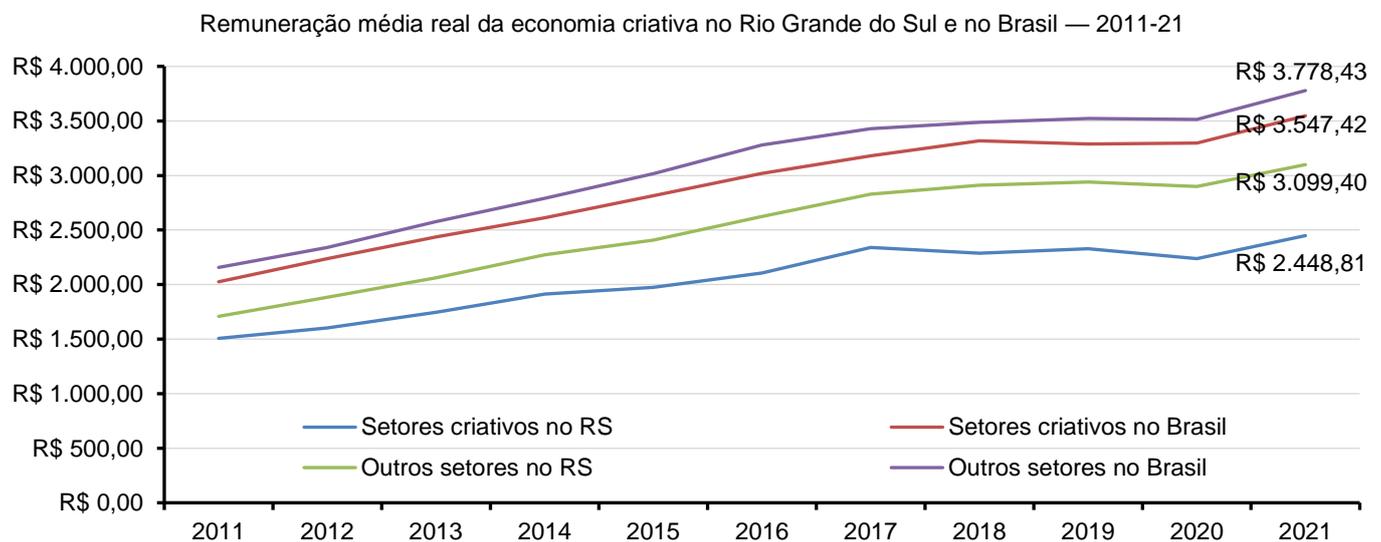
DISCRIMINAÇÃO	NÚMERO MÉDIO DE EMPREGADOS
Economia criativa	7,5
Atividade ligada diretamente à cultura	6,2
Atividade ligada indiretamente à cultura	10,1
Segmentos	
Arquitetura, <i>design</i> e moda	4,0
Artes visuais e performáticas	2,7
Audiovisual	11,8
Ensino de cultura	4,3
Patrimônio e culturas tradicionais	6,6
Publicação, editoração e mídia	6,5
Publicidade	5,8
Tecnologias da informação e comunicação	13,0
Telecomunicações	7,7
Setores não criativos	10,4
Total	10,3

Fonte: Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) (Brasil, 2023).



Em termos de remuneração, o setor criativo do Rio Grande do Sul seguiu a tendência dos outros setores da economia, de aumento da remuneração média real ao longo do período de 2011 a 2021. No entanto, os setores criativos no Rio Grande do Sul perceberam uma remuneração média real menor ao longo do tempo, inclusive em relação aos setores criativos no Brasil. Assim, no início da série, a remuneração média real da economia criativa no Rio Grande do Sul era de R\$ 1.506,88 e, em 2021, foi de R\$ 2.448,81, o que equivale um crescimento de 62,5%. No entanto, os outros setores cresceram mais no mesmo período. Os setores criativos no Brasil cresceram em remuneração 75,1%, e os outros setores, no Rio Grande do Sul e no Brasil, respectivamente, 81,4% e 75,1%. Dessa forma, ao final do período, a diferença entre a remuneração média real da economia criativa no Rio Grande do Sul e a do Brasil era de -31%, enquanto a diferença em relação a outros setores da economia do Rio Grande do Sul era de -21%.

Gráfico 15



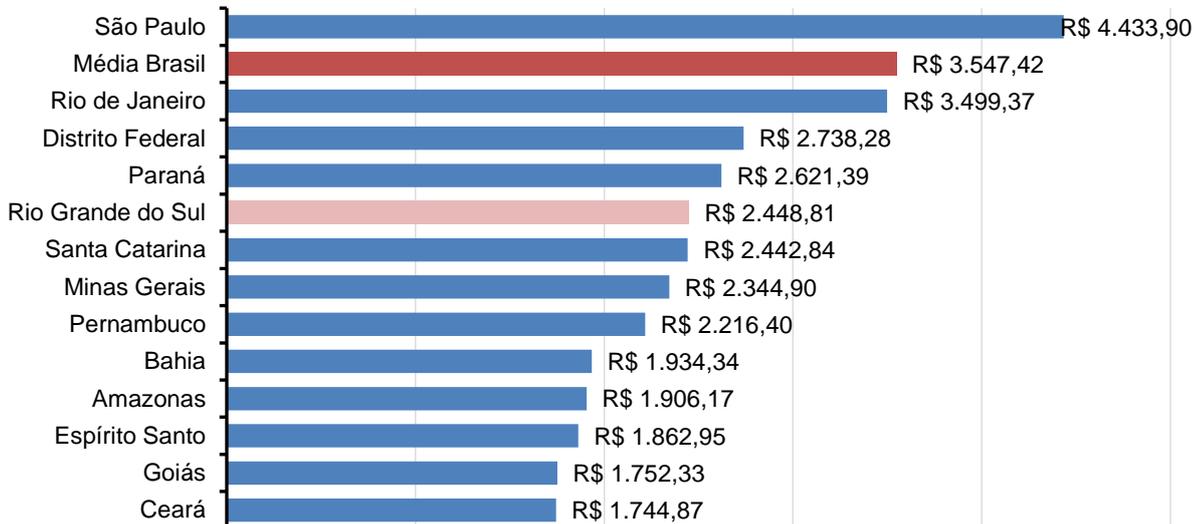
Fonte: Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) (Brasil, 2023).

Considerando as UFs com maiores remunerações médias no setor de economia criativa, observa-se que ocorreu uma grande diferença entre os valores neles praticados. Assim, o estado com a maior remuneração, São Paulo, possuía uma remuneração média que equivalia a dois salários e meio do Ceará, o estado com menor remuneração. A remuneração média de São Paulo era 20% maior em relação à média do Brasil e 81,1% maior em relação à remuneração média do Rio Grande do Sul, que era de R\$ 2.448,81.



Gráfico 16

Remuneração média da economia criativa nas unidades da Federação com maior remuneração no Brasil — 2021



Fonte: Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) (Brasil, 2023).

Ao se considerar o contingente de empregados segundo o sexo e a remuneração média no Rio Grande do Sul em 2021, observa-se que a participação feminina no setor de economia criativa era um pouco menor que a participação feminina no total dos setores econômicos (44,3% do contingente de empregados formais da economia criativa é composto por mulheres, contra 46,8% do total dos setores econômicos). No entanto, ao se considerar os segmentos que compõem a economia criativa, a participação feminina variou fortemente. O segmento de contingente mais feminino é o de ensino de cultura, em que 72,7% dos empregados eram mulheres. Já os que menos empregavam mulheres eram o de audiovisual, com 35,1% de mulheres, e o de TIC, com 36% de mulheres. Outros segmentos, como arquitetura, *design* e moda, publicação e editoração e mídia e publicidade, tinham fortes participações femininas, de mais de 50% do contingente de empregados. No entanto, a razão salarial entre mulheres e homens apresentava-se desigual, principalmente em TIC e telecomunicações, nos quais o salário médio feminino equivalia a 70% do salário médio masculino. O segmento de artes visuais e performáticas — que possui o menor contingente de empregados — apresentava as remunerações mais baixas, mas também era o menos desigual.



Tabela 12

Número de empregados e remuneração média da economia criativa, por sexo, no Rio Grande do Sul — 2021

DISCRIMINAÇÃO	MASCULINO			FEMININO			RAZÃO SALÁRIOS MULHERES/HOMENS
	Número de Empregados	Participação % no Total de Empregos do Setor	Salário Médio (R\$)	Número de Empregados	Participação % no Total de Empregos do Setor	Salário Médio (R\$)	
Total da economia criativa	56.928	55,7	2.558,68	45.234	44,3	2.110,29	0,82
Atividade ligada diretamente à cultura ...	28.053	49,7	2.370,25	28.364	50,3	2.018,68	0,85
Atividade ligada indiretamente à cultura	28.875	63,1	3.885,51	16.870	36,9	2.655,23	0,68
Segmentos							
Arquitetura, <i>design</i> e moda	4.068	41,1	2.159,08	5.820	58,9	1.834,17	0,85
Artes visuais e performáticas	824	47,7	1.848,54	903	52,3	1.814,19	0,98
Audiovisual	5.264	64,9	2.361,97	2.853	35,1	2.065,61	0,87
Ensino de cultura	828	27,3	1.928,92	2.200	72,7	1.777,17	0,92
Patrimônio e culturas tradicionais	1.481	48,7	2.595,27	1.559	51,3	2.256,67	0,87
Publicação, editoração e mídia	6.867	45,0	2.733,43	8.406	55,0	2.279,41	0,83
Publicidade	2.597	46,0	2.448,28	3.051	54,0	2.228,45	0,91
Tecnologias da informação e comunicação	23.699	64,0	4.250,71	13.341	36,0	2.898,69	0,68
Telecomunicações	11.300	61,4	2.701,90	7.101	38,6	1.838,22	0,68
Setores não criativos	1.517.723	53,1	3.281,31	1.340.800	46,9	2.653,95	0,81
Total	1.574.651	53,2	3.215,20	1.386.034	46,8	2.598,53	0,81

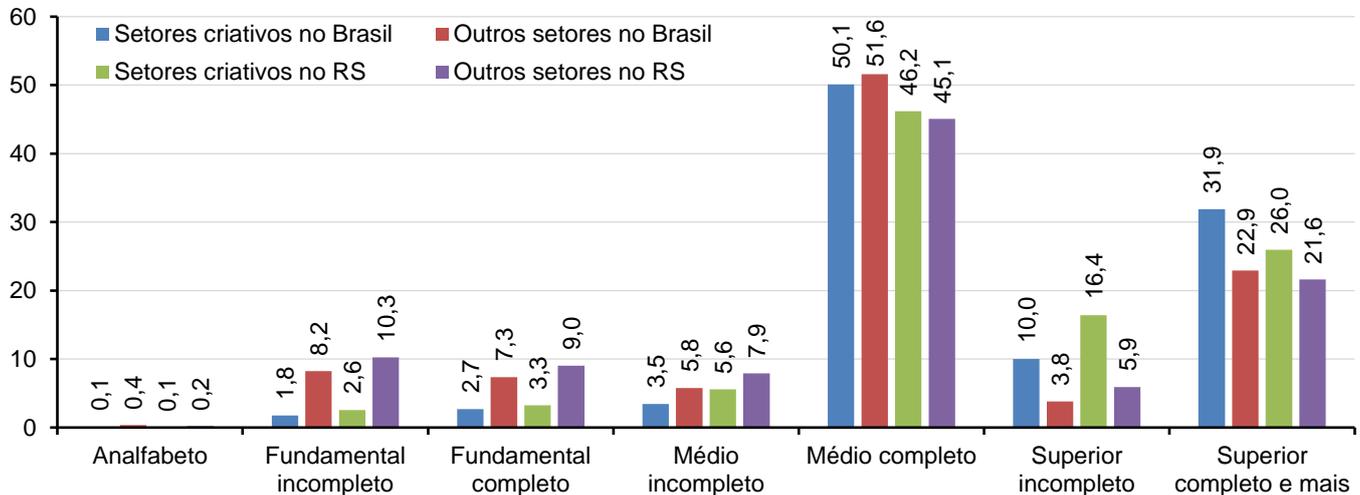
Fonte: Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) (Brasil, 2023).

Com relação aos níveis de escolaridade dos empregados em 2021, verifica-se uma concentração similar dos empregos no nível de escolaridade médio completo entre setores criativos e não criativos no Brasil, por um lado, e no Rio Grande do Sul, por outro. Para além disso, nota-se, no caso dos setores criativos do Rio Grande do Sul, uma relativamente maior concentração dos empregados dos setores criativos no nível superior incompleto (16,4% dos empregados do setor criativo estavam nesse nível de escolaridade) tanto em relação ao setor criativo no Brasil quanto aos outros setores da economia no Rio Grande do Sul. O nível superior completo apresenta uma concentração importante de empregados da economia criativa: 26% dos empregados do setor no Rio Grande do Sul estavam nesse nível de escolaridade, uma concentração maior em relação aos empregados de outros setores no Rio Grande do Sul, mas abaixo do setor criativo no Brasil.



Gráfico 17

Participação dos níveis de escolaridade nos empregos formais da economia criativa no Rio Grande do Sul e no Brasil — 2021

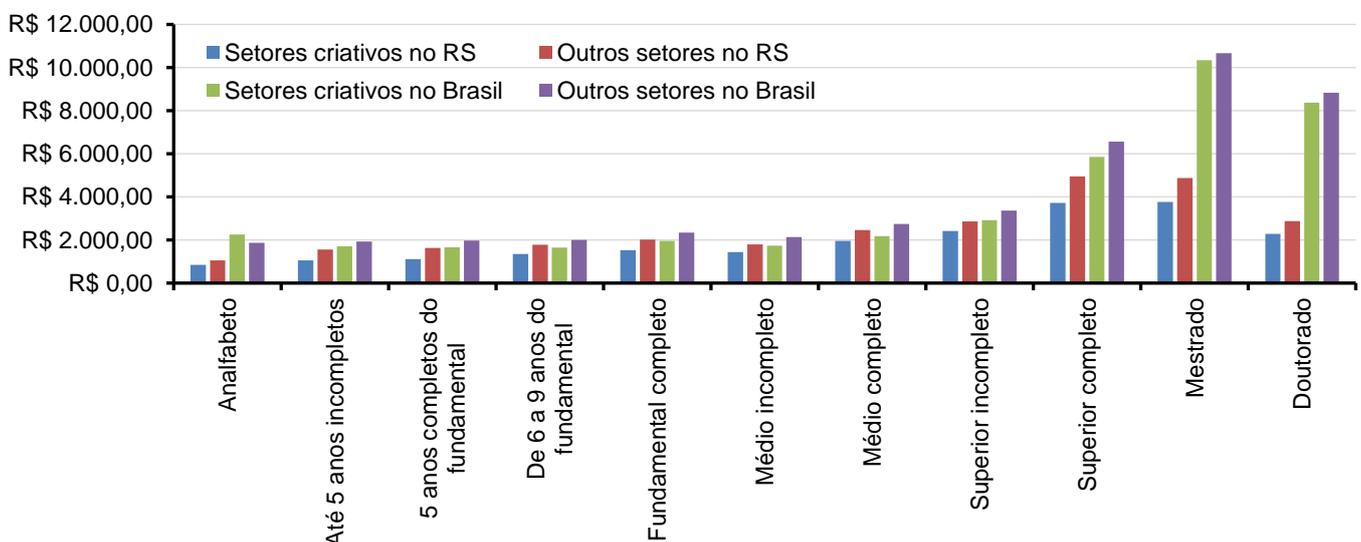


Fonte: Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) (Brasil, 2023).

No que se refere à remuneração média segundo o nível de escolaridade, nota-se que, para todos os níveis de ensino, em 2021, a remuneração dos setores criativos no Rio Grande do Sul foi menor em relação aos outros setores da economia do Estado. Isso não difere da relação entre a remuneração média dos setores criativos e a dos não criativos no Brasil, que apresentaram a mesma desvantagem dos setores criativos em relação aos outros setores da economia. No entanto, os setores criativos no Rio Grande do Sul, assim como os outros setores da economia gaúcha, em alguns níveis de escolaridade, apresentaram forte desvantagem em termos de remuneração média em relação aos setores da economia criativa brasileira. Isso torna-se bastante agudo nos níveis de escolaridade superior, em que as remunerações de todos os setores gaúchos são bastante menores que as remunerações no Brasil. Os setores da economia criativa, nesses casos, são bastante desprivilegiados.

Gráfico 18

Distribuição percentual dos empregados em setores da economia, segundo remuneração média e escolaridade, no Brasil e no Rio Grande do Sul — 2021



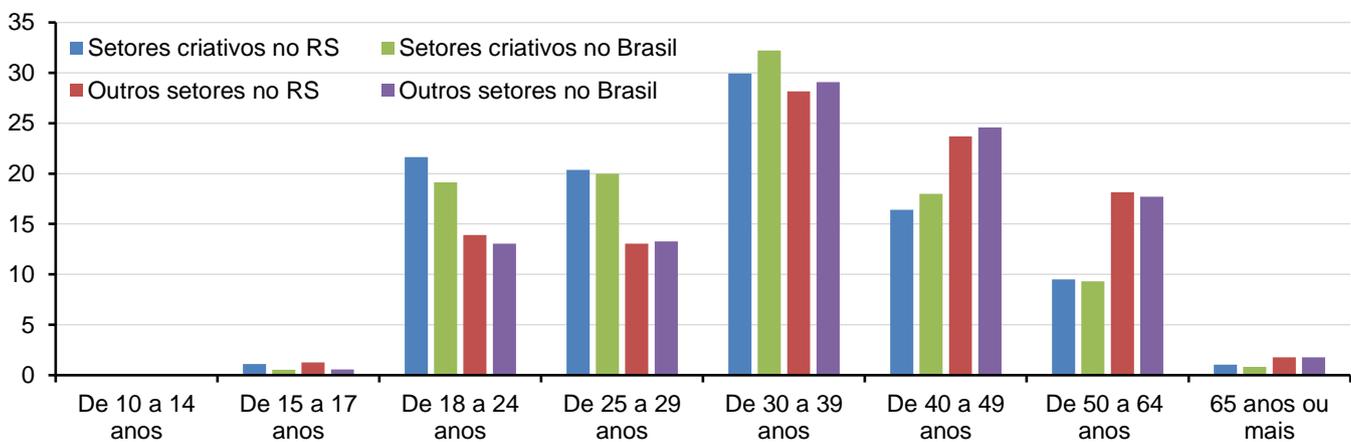
Fonte: Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) (Brasil, 2023).



Em 2021, os setores criativos apresentaram uma maior concentração de empregados jovens do que a média da economia. No Brasil, 19,1% dos empregos da economia criativa concentraram-se na faixa etária dos 18 a 24 anos, contra apenas 13,0% dos outros setores. No RS, essa diferença foi ainda maior: 21,6% para 13,9%. A faixa seguinte, de 25 a 29 anos apresentou uma concentração bastante proporcional entre Rio Grande do Sul e Brasil. Por outro lado, é notável que, no Brasil, houve uma concentração um pouco maior dos empregados na economia criativa nas faixas de idade mais velhas, como 30 a 39 anos (com 32,2% dos empregados dos setores criativos no Brasil, contra 29,9% dos empregados dos setores criativos no Rio Grande do Sul), e 40 a 49 anos (faixa em que estavam 18,0% dos empregados nos setores criativos do Brasil, contra 16,4% dos setores criativos no Rio Grande do Sul).

Gráfico 19

Participação percentual no emprego, por faixa etária, no Rio Grande do Sul e no Brasil — 2021



Fonte: Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) (Brasil, 2023).

É possível também fazer uma análise dos empregos nos setores criativos levando em conta a participação das ocupações criativas (Augustin *et al.*, 2019) nesses setores. Da mesma forma, essa abordagem permite analisar a participação das ocupações não criativas nos setores da economia criativa.

As ocupações criativas representaram, em 2021, cerca de 1,5% do total dos empregos no Rio Grande do Sul. Esse percentual ínfimo foi menor ainda nos setores não criativos, onde tais ocupações somaram 1,1% dos empregos. Já no próprio setor da economia criativa, os empregos “criativos” são pouco mais de um décimo do total de empregos do setor, ou 12,4% desses. As ocupações criativas são melhor representadas nas atividades ligadas diretamente à cultura, ainda que essa representação seja relativamente baixa. As ocupações criativas, nessas atividades, foram 20,2%, ou seja, cerca de um quinto dos empregos nessas atividades são ocupações criativas. No total da economia criativa gaúcha, as ocupações criativas mais comuns, em 2021, foram locutores, comentaristas e repórteres de rádio e televisão (1.779 empregos), técnicos de operação de emissoras de rádio (1.283), joalheiros e lapidadores de gemas (1.238) e profissionais de relações públicas, publicidade, mercado e negócios (1.212). Por outro lado, as ocupações não criativas constituíram o principal contingente dos empregos do setor criativo, totalizando 79,8% dos empregos do setor, destacando-se vendedores e demonstradores em lojas ou mercados (12.545), escriturários em geral, agentes, assistentes e auxiliares administrativos (10.832) e analistas de sistemas computacionais (8.224).



Tabela 13

Abordagem setorial e ocupacional dos empregos formais na economia criativa do Rio Grande do Sul — 2021

DISCRIMINAÇÃO	OCUPAÇÕES CRIATIVAS		OUTRAS OCUPAÇÕES		TOTAL
	Número de empregados	Participação % no total de empregos do setor	Número de empregados	Participação % no total de empregos do setor	
Economia criativa	12.635	12,4	89.527	87,6	102.162
Atividades ligadas diretamente à cultura ..	11.393	20,2	45.024	79,8	56.417
Atividades ligadas indiretamente à cultura	1.242	2,7	44.503	97,3	45.745
Setores não criativos	30.960	1,1	2.827.563	98,9	2.858.523
Total	43.595	1,5	2.917.090	98,5	2.960.685

Fonte: Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) (Brasil, 2023).

3 Perspectiva municipal e regional

Em 2021, dos nove municípios com maior número de empregos na economia criativa do Estado — e que juntos representavam 57,7% do total de empregos no setor —, oito tinham como maior setor da economia criativa o setor de TIC; apenas o Município de Pelotas registrou como preponderante, em número de empregados, o das telecomunicações. Esses setores representaram, em cada município, de um quinto de sua economia criativa, no caso de São Leopoldo e de Santa Maria, a cerca de dois terços no caso de Novo Hamburgo. Ainda assim, os setores criativos não chegam a 10% dos empregos totais em nenhum desses municípios.

Quadro 1

Municípios com maior número de empregos formais na economia criativa do Rio Grande do Sul — 2021

MUNICÍPIO	EMPREGOS NA ECONOMIA CRIATIVA	TOTAL DE EMPREGOS	PARTICIPAÇÃO % DA ECONOMIA CRIATIVA	MAIOR SETOR DA ECONOMIA CRIATIVA	% DO MAIOR SETOR NO TOTAL DA ECONOMIA CRIATIVA DO MUNICÍPIO
Porto Alegre	33.672	656.993	5,1	TIC	48,6
Caxias do Sul	5.602	159.093	3,5	TIC	43,4
Passo Fundo	3.808	64.660	5,9	TIC	54,8
Gravataí	3.512	53.591	6,6	TIC	33,9
Novo Hamburgo	2.841	71.498	4,0	TIC	66,4
São Leopoldo	2.609	59.594	4,4	TIC	20,3
Santa Maria	2.342	68.674	3,4	TIC	20,3
Pelotas	2.321	72.275	3,2	Telecomunicações	30,5
Canoas	2.223	80.901	2,7	TIC	30,5

Fonte: Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) (Brasil, 2023).

Em 2021, o Conselho Regional de Desenvolvimento (Corede) com maior número de empregos na economia criativa foi o Metropolitano Delta do Jacuí, com 40.885, o que representava 40% dos empregos do setor no Estado. Esse resultado era esperado, já que essa é a região mais populosa do Estado e onde fica a capital, Porto Alegre. Já o Corede em que a economia criativa representava a maior proporção dos seus empregos foi o Alto da Serra do Botucaraí, com 6,1%. Os empregos da economia criativa dessa região concentram-se na classe lapidação de gemas e fabricação de artefatos de ourivesaria e joalheria da CNAE, principalmente no Município de Soledade.



Tabela 14

Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes) com maior número de empregos formais na economia criativa do Rio Grande do Sul — 2021

COREDES	EMPREGOS DA ECONOMIA CRIATIVA	% DO TOTAL DE EMPREGOS NA REGIÃO	% DOS EMPREGOS DA ECONOMIA CRIATIVA DO RS
Metropolitano Delta do Jacuí	40.885	4,8	40,0
Serra	11.121	3,3	10,9
Vale do Rio dos Sinos	10.737	2,9	10,5
Produção	4.670	4,3	4,6
Sul	3.977	2,5	3,9
Central	3.419	3,8	3,3
Vale do Rio Pardo	2.829	3,0	2,8
Vale do Taquari	2.786	2,4	2,7
Hortênsias	2.749	5,7	2,7
Litoral	2.178	3,0	2,1
Norte	2.031	3,5	2,0
Fronteira Oeste	1.701	1,9	1,7
Fronteira Noroeste	1.696	3,2	1,7
Médio Alto Uruguai	1.229	4,2	1,2
Noroeste Colonial	1.200	2,6	1,2
Missões	1.161	2,5	1,1
Vale do Caí	1.005	1,8	1,0
Alto da Serra do Botucaraí	976	6,1	1,0
Alto Jacuí	787	2,0	0,8
Paranhana-Encosta da Serra	770	1,2	0,8
Campanha	652	1,6	0,6
Celeiro	619	2,4	0,6
Centro-Sul	559	1,4	0,5
Nordeste	546	1,9	0,5
Rio da Várzea	540	2,2	0,5
Jacuí Centro	535	2,3	0,5
Vale do Jaguari	408	2,3	0,4
Campos de Cima da Serra	396	1,5	0,4
Total	102.162	3,5	100,0

Fonte: Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) (Brasil, 2023).

Considerações finais

O setor da economia criativa no Rio Grande do Sul representava, em 2021, 6,8% do total dos empreendimentos econômicos do Estado do Rio Grande do Sul, um percentual um pouco menor do que a participação do setor no Brasil. O Rio Grande do Sul também era a quinta UF em termos de número de estabelecimentos no setor, atrás apenas de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Paraná. Todas essas UFs, assim como o Brasil, apresentaram crescimento do número de empreendimentos entre 2017 e 2021. No entanto, para o Rio Grande do Sul, o crescimento do número de empregos formais no setor, no mesmo período, foi um pouco menor do que o do número de empresas (12,1% contra 10,5%). Com efeito, em 2021, o emprego no setor constituía 4,2% do total de postos de trabalho no Rio Grande do Sul, um percentual um pouco menor que a representação no total de empreendimentos.



No Rio Grande do Sul, em 2021, o segmento da economia criativa mais representativo em número de empreendimentos e de empregos foi o de tecnologias da informação e comunicação, que constituía 21,8% do setor e contribuía com 34,2% dos empregos no mesmo. Com efeito, esse segmento apresentou crescimento superior ao total do setor entre 2017 e 2021, em número de empreendimentos e, principalmente, em número de postos de trabalho. Já os segmentos mais identificados com a cultura (como artes visuais e performáticas, audiovisual, patrimônio e culturas tradicionais e publicação, editoração e mídia) tiveram redução do número de empresas e de postos de trabalho no período. Estima-se que, em 2020, ano do início da pandemia de COVID-19, se tenha acentuado uma queda de empregos já existente nesses segmentos.

Em 2021, a remuneração média do setor era mais baixa no Rio Grande do Sul, em relação à remuneração média no Brasil e em relação ao conjunto dos outros setores no Rio Grande do Sul. Além disso, o Estado era a quinta UF em termos de remuneração média para o setor. No entanto, há variações no salário médio entre os segmentos, sendo a média salarial dos homens no de tecnologias da informação e comunicação quase equivalente ao salário médio do setor em São Paulo (UF de maior remuneração média). Os segmentos mais pujantes do setor apresentaram também maiores diferenças salariais entre homens e mulheres (com exceção do segmento de publicidade), enquanto o setor de pior remuneração média (artes visuais e performáticas) apresentou a menor diferença entre homens e mulheres.

Os indicadores destacados sugerem a necessidade de políticas específicas para os diferentes segmentos, principalmente aqueles com pior desempenho no período considerado. Por outro lado, evidencia-se a necessidade de um acompanhamento continuado dos indicadores analisados.

Referências

AUGUSTIN, A. C.; NÚÑEZ, T.; HUYER, A. J.; FURINI, V. R. **O mercado de trabalho da economia criativa no Rio Grande do Sul — 2006-17**. Porto Alegre: SPGG/DEE, 2019. (Nota Técnica n. 9). Disponível em: <https://dee.rs.gov.br/upload/arquivos/202003/03180542-nt-economia-criativa.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2024.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)**. Brasília: MTE, 2023. Disponível em: <https://bi.mte.gov.br/bgcaged/>. Acesso em: 11 dez. 2023.

BRASIL. Receita Federal. **Estatísticas do Simples Nacional 2024**. [Brasília, DF]: Receita Federal, 2024. Disponível em: <https://www8.receita.fazenda.gov.br/simplesnacional/aplicacoes/atbhe/estatisticassinac.app/default.aspx>. Acesso em: 15 abr. 2024.

IBGE. **Sistema de Informações e Indicadores Culturais 2007-2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. (Estudos & pesquisas: informação demográfica e socioeconômica, n. 31). Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=282191>. Acesso em: 18 mar. 2024.



IBGE. Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA). Cadastro Central de Empresas — 2021. Tabela 6449 - Empresas e outras organizações, pessoal ocupado total, pessoal ocupado assalariado, salários e outras remunerações, por seção, divisão, grupo e classe da classificação de atividades (CNAE 2.0). Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6449>. Acesso em: 15 dez. 2023.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Cultura. **RS Criativo – Programa.** Porto Alegre: Sedac, s.d. Disponível em: <https://rscriativo.rs.gov.br/o-que-e>. Acesso em: 15 abr. 2024.

